

Revista Estudos do I.S.C.A.A., IIª Série, 6 /7 (2000/2001)

**PROJECTO PROFISSIONAL -
- UM REFORÇO DE COMPETÊNCIAS***

ELEUTÉRIO MACHADO, HELENA INÁCIO,
eleuterio.machado@isca.ua.pt helena.inacio@isca.ua.pt

JOÃO FORTES E JOÃO SOUSA
naia.fortes@isca.ua.pt joao.sousa@isca.ua.pt

*COMISSÃO DE COORDENAÇÃO
DO PROJECTO PROFISSIONAL
(DOCENTES DO I.S.C.A.A.)*

* *Palestra integrada na Sessão de Apresentação do PROJECTO PROFISSIONAL 2001, no Auditório Joaquim José da Cunha, no I.S.C.A. de Aveiro, em 13 de Dezembro de 2000, preparada pelos docentes da Comissão de Coordenação do Projecto Profissional Eleutério Machado, Helena Inácio, João Naia Fortes e João Sousa.*

SUMÁRIO

- I. INTRODUÇÃO
- II. UM PROJECTO ORIENTADO PARA O REFORÇO DE COMPETÊNCIAS
 - 2.1. ENQUADRAMENTO PEDAGÓGICO
 - 2.2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO
 - 2.3. CONTRIBUTOS PARA A FORMULAÇÃO DE UM MODELO
 - 2.3.1. OS PILARES DO MODELO
 - 2.3.2. OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DE FUNCIONAMENTO
 - 2.3.3. A ADAPTABILIDADE DO MODELO
- III. BREVE BALANÇO DE TRÊS ANOS DE EXPERIMENTAÇÃO
- IV. CONCLUSÃO

“A Comissão de Coordenação do Projecto Profissional presta homenagem ao Dr. Joaquim José da Cunha pelo inegável empenhamento com que, desde a primeira hora, apadrinhou e apoiou a ideia do PROJECTO PROFISSIONAL e pela visão que demonstrou ao providenciar todos os meios materiais e humanos que permitiram colocar no terreno esta iniciativa.”

I. INTRODUÇÃO

São frequentes as críticas quer ao sistema de ensino superior em geral, sobretudo pelo seu imobilismo e desfasamento em relação ao mundo empresarial, quer aos professores porque não ensinam o que deviam, quer aos estudantes que não se empenham o suficiente.

Por isso as escolas não podem alhear-se dos debates cada vez mais frequentes em torno da falta de qualidade do ensino superior, em particular sobre as qualificações e competências que deve proporcionar e sobre o elevado insucesso escolar, cujas culpas não poderão recair só sobre os estudantes.

E não podem também ficar indiferentes ao elevado número de jovens licenciados que, após concluírem os seus cursos, continuam no desemprego ou não se ajustam profissionalmente, parecendo por vezes existir um divórcio completo entre o ensino e a sociedade, com uma proliferação de cursos inadequados e incapazes de fornecer as qualificações e as competências necessárias para a inserção no mercado do trabalho.

Numa intervenção durante o Seminário realizado em Novembro último no Porto sob o tema “Ensino superior e competitividade”, Belmiro de Azevedo proferiu algumas críticas contundentes para o sistema de ensino superior, atingindo-o exactamente nesta área das relações ensino/sociedade:

“Falta nas universidades uma capacidade efectiva de interagir com o mundo empresarial.”

“O sistema de ensino reage ainda muito lentamente aos estímulos do mercado. Muita coisa que se ensina nas universidades serve apenas às nomenclaturas instaladas e ao corporativismo do professorado. Não à sociedade civil.”

Retirando a carga mais radical destas declarações, há que reconhecer, pelo menos, que elas traduzirão algum sentimento de desencanto por parte da “sociedade civil” (leia-se empresa e empregadores) em relação às competências do “produto” (leia-se

diplomados) que lhe é fornecido pelas universidades e outras escolas de ensino superior.

Como dizia também o Professor Luís Soares, Presidente do Instituto Politécnico do Porto, numa intervenção no seminário atrás referido:

“Sem prejuízo da aquisição de conhecimentos fundamentais necessários ao desenvolvimento de futuras aprendizagens, a formação no ensino politécnico deve manter como linha orientadora distintiva o saber fazer, aliado ao saber aprender e às competências pessoais e sociais que permitam uma inserção rápida e eficaz no mercado.”

É sabido que existe uma concorrência crescente entre as diversas instituições de ensino, quer público quer privado, procurando cada uma delas atrair o maior número possível de alunos, de um universo cada vez mais exíguo e com tendência para continuar a diminuir nos próximos anos.

A qualidade do ensino politécnico, em especial, deve continuar a orientar-se no sentido do *saber fazer*, sem, contudo, deixar de ter nas suas preocupações uma boa formação científica de base, que facilite continuar a aprender e que confira competências para enfrentar com êxito a mudança e inserção rápida dos seus alunos no mercado de trabalho.

Mas para isso torna-se necessário investir sem demora na inovação e na diversificação, quer nos conteúdos curriculares, quer nos novos modelos e soluções metodológicas que permitam aproximar a escola do *saber fazer* e das competências exigidas pela sociedade.

Foi neste sentido e com estes objectivos que o ISCA de Aveiro, entre muitas outras apostas na qualificação dos seus diplomados, enveredou há três anos por esta via de experimentação de uma nova solução de ensino, que a seguir procuramos descrever.

II. UM PROJECTO ORIENTADO PARA O REFORÇO DE COMPETÊNCIAS

2.1. ENQUADRAMENTO PEDAGÓGICO

Toda a formação deverá incluir nos seus objectivos a criação ou o desenvolvimento de determinadas competências, sejam de carácter puramente científico ou técnico, sejam de carácter pessoal ou social.

No plano do ensino superior é crucial ter em conta a questão das competências, qualificações ou capacidades dos alunos no momento em que entram no mundo do trabalho, munidos de um diploma de bacharel ou licenciado.

São essas competências que irão determinar o processo, quase sempre traumático, da transição da “carreira escolar” para a “carreira profissional”. Quanto mais as competências adquiridas ou desenvolvidas, sobretudo na parte final da carreira escolar, a que corresponde o ensino superior, estiverem próximas das expectativas e das necessidades efectivas das empresas e dos empregadores, mais facilitada estará a inserção do diplomado, melhor a imagem pública da escola que o formou e maior a satisfação do empregador.

O ensino da Contabilidade, a que o I.S.C.A. de Aveiro se dedica há mais de 30 anos, não é questão que escape a esta problemática. Muito pelo contrário.

Na realidade as especiais características da profissão contabilística, em particular quando exercida em ambiente de PME's, como é o nosso panorama dominante, requerem dos diplomados um perfil de largo espectro em termos de competências, as mais variadas.

Basta pensar que os nossos diplomados em Contabilidade, além das funções específicas, são quase sempre chamados a executar ou apoiar a gestão, os serviços administrativos, os departamentos de pessoal, os departamentos comerciais e até a resolver um vasto conjunto de questões fiscais, jurídicas, de logística, etc.

Definir as competências adequadas para estes diplomados e encontrar as soluções mais eficazes para as integrar nos planos curriculares, são preocupações que há muito faziam parte das preocupações estratégicas do ISCA de Aveiro. E o facto de estar há

muito alertado para esta realidade, pensamos poder atribuir-se a três conjuntos de razões:

- por um lado, a larga tradição de ligação ao mundo empresarial através dos alunos trabalhadores e dos ex-alunos, regressados para os CESE ou Licenciaturas;
- as ligações profissionais e empresariais de muitos dos seus docentes;
- uma equipa jovem, virada para a inovação e ainda não instalada numa carreira estabilizada.

Por isso a questão das competências foi identificada bastante cedo, tornando-se evidente que era necessário avançar para a busca de soluções.

Para tanto havia que definir dois ou três objectivos simples e de concretização assegurada, no contexto do ensino em sala e no âmbito curricular dos vários cursos de Contabilidade ministrados.

E havia ainda que buscar processos de avaliação capazes de responder com eficácia num enquadramento de ensino/aprendizagem de cariz não estruturado, integrador, interactivo e profissionalizante.

Os objectivos globais iniciais da experiência podem considerar-se definidos dentro de três grandes linhas pedagógicas, que pareciam corresponder à questão de fundo, o reforço das competências dos diplomados no momento de abandonar a escola:

- Complementar e integrar os conhecimentos curriculares anteriores
- Proporcionar a aplicação de conhecimentos numa perspectiva profissional
- Aproximar os futuros diplomados ao contexto empresarial e dos negócios

Com o desenrolar da experiência acabaram por se mostrar importantes outros objectivos, direccionados uns para a vertente profissionalizante e outros para as áreas das competências pessoais, ainda que aparentemente fora do contexto da área contabilística, mas fundamentais para a integração laboral, como por exemplo:

- Capacidade de trabalhar em grupo interactivo
- Adaptação ao trabalho em ambiente de pressão
- Reacção eficaz às mudanças na envolvente
- Capacidade de expressão escrita e oral

O dinamismo interno da experiência tem ultrapassado de algum modo as perspectivas iniciais e o grande objectivo global do reforço das competências profissionais e outras tem vindo a resultar sobretudo por força desta relação interactiva entre objectivos e processo de avaliação.

Daí que nos pareça relevante pôr em destaque desde já este aspecto da experiência adquirida no processo, pois estamos convencidos que, sem uma atenção muito grande a este aspecto, os resultados não teriam sido os mesmos.

2.2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Neste ponto pode pôr-se a questão das metodologias adequadas para enveredar por novas vertentes pedagógicas, para mais ainda pouco conhecidas e experimentadas.

Logo à partida tornou-se óbvio que as metodologias pedagógicas tradicionais deixariam de constituir o elemento dominante, para passarem a ser complementares e instrumentais, em função dos objectivos e do processo de avaliação, que são os vectores determinantes do processo.

Para além de que certos conceitos tradicionais de posicionamento e de relação professor/aluno são logo à partida subvertidos pela dinâmica interna definida para o processo. O que não deixa de constituir uma dificuldade adicional.

Tudo isto tem conduzido à necessidade de pensar também em actuar com urgência ao nível da formação de docentes a envolver de futuro no desenvolvimento desta experiência pedagógica ou de outras do mesmo tipo. E uma das formas mais eficazes seria pô-los em contacto com outras experiências e modelos que pudessem dar

contributos para a consolidação e aperfeiçoamento do trabalho já realizado.

Neste caso isso veio a acontecer graças ao aproveitamento de sinergias decorrentes do processo de integração na Universidade de Aveiro. Assim, foi possível aos docentes que vinham conduzindo esta experiência tomar contacto, ainda que indirecto, com dois modelos que se podem considerar muito próximos e que a seguir se descrevem de forma sintética.

Vejamos então em síntese como se caracterizam e funcionam os dois modelos abordados durante os dois *Work Shops* realizados pela UA

O modelo de ensino orientado a projectos (*project based model* ou *Aalborg model*)

O primeiro contacto com este modelo teve lugar durante um *Work Shop* realizado na Universidade de Aveiro em Maio de 2000, orientado pela professoras Anette Kolmos e Lise Kofoed da Universidade de Aalborg, na Dinamarca.

Tratou-se de uma experiência marcante, pela possibilidade de conhecer novas metodologias próximas da que vinham experimentando há mais de dois anos sem qualquer suporte teórico ou de experiências alheias similares.

Vejamos em síntese como parece caracterizar-se genericamente:

- Desenvolve-se sempre em equipa ou grupo, podendo a dimensão deste variar muito consoante os objectivos e o patamar curricular;
- Baseia-se numa estrutura formativa que se desenrola integralmente em torno de projectos, sendo todas as restantes componentes curriculares organizadas em função e na dependência muito directa dos projectos e da sua implementação; no entanto é admissível que a componente “projecto” tenha um menor peso específico no início dos cursos, sendo dominante na parte final;

- Privilegia largamente a auto-aprendizagem, individual e de grupo, em relação ao ensino de tipo magistral, muito embora não deixe de estar sempre presente a figura do “supervisor” ou “tutor” do grupo;
- Fomenta a aprendizagem pela via da resolução de problemas, sendo que estes deverão surgir sobretudo na formulação ou na implementação do projecto;
- Naturalmente, é um ensino de carácter interdisciplinar porque os projectos devem envolver sempre matérias de diferentes áreas disciplinares; o maior ou menor grau de interdisciplinaridade depende bastante do tipo e complexidade dos projectos;
- Visa uma gradual e progressiva especialização ao longo do curso, resultante de idêntica tendência dos projectos.

Quem conhece em profundidade este modelo poderá achar esta caracterização demasiado simplista e talvez pouco rigorosa.

Mas efectivamente ainda não tivemos oportunidade de ver o modelo em funcionamento efectivo e por isso a aproximação que dele temos é ainda muito teórica e, possivelmente, algo imprecisa.

No entanto deste contacto ficaram-nos a nós, que vínhamos de uma experiência vivida, algumas primeiras impressões importantes, de que destacamos:

- 1º- Se a experiência do Projecto Profissional do ISCA fosse considerada extensiva, por exemplo, a 4 ou 5 dos 6 semestres que constituem o Bacharelato em Contabilidade, com as necessárias alterações curriculares, em vez de se desenvolver apenas no 6º semestre (e para mais acumulando com uma carga de mais 5 disciplinas autónomas) estaríamos muito próximos do “modelo de Aalborg”;
- 2º - Pelas descrições do funcionamento efectivo pareceu transparecer alguma dificuldade de implementação do modelo nas áreas das ciências sociais e humanísticas, talvez devido ao tipo de projectos que seria necessário desenvolver;

- 3º - Não pareceu ter muita força neste modelo a integração de conhecimentos como objectivo fundamental, apesar de estar sempre presente a interdisciplinaridade;
- 4º - Também não aparece evidente o grau de possível interactividade entre os grupos de trabalho, que poderia contribuir para maior dinamização do modelo;
- 5º - Finalmente, não se percebe se o modelo poderá desenvolver algumas competências não técnicas ou científicas importantes para a integração profissional e laboral.

O modelo baseado em problemas (*problem based model*)

Num outro *Work Shop* realizado em Junho/Julho de 2000 na Universidade de Aveiro sob a orientação do Professor Jonh Cowan, da Escócia, ligado a várias universidades da Europa, foi possível tomar conhecimento de outras perspectivas metodológicas para objectivos de certo modo similares aos visados pelo modelo anterior.

O modelo pode considerar-se, em termos simplistas, baseado na formulação de problemas e na busca de ferramentas e conhecimentos para a sua resolução entre matérias leccionadas em períodos curriculares anteriores ou não; o professor desempenha mais um papel de tutor do que de mestre e as actividades pedagógicas desenrolam-se essencialmente em trabalho de grupo.

Poderia parecer à primeira vista tratar-se apenas de um modelo misto, situado entre o conceito de “projecto” e de “caso estruturado”.

Mas o que nos atraiu mais no modelo, tal como foi exposto pelo Professor John Cowan, não foram tanto os aspectos formais, mas foram sobretudo os dois aspectos apresentados como fundamentais e diferenciadores na implementação desta metodologia:

- A definição dos objectivos
- A interacção entre a avaliação e os objectivos

Embora numa primeira aproximação nos tenha parecido de certo modo frágil a ligação possível deste modelo com o Projecto Profissional, neste momento consideramos que os ensinamentos

obtidos neste contacto representaram uma forte mais valia para a formulação do modelo que a seguir se procura descrever.

2.3. CONTRIBUTOS PARA A FORMULAÇÃO DE UM MODELO

Como vimos atrás, os atributos e competências para um bom desempenho da profissão não se limitam ao nível de conhecimentos adquiridos, que, podendo ser excelentes, se mostram insuficientes se o aluno não tiver outro tipo de argumentos como, por exemplo, a capacidade de expressão oral, a capacidade de decisão e a capacidade de trabalho em equipa.

Temos vindo a trabalhar no sentido de encaixar na disciplina de Projecto Profissional o reforço destes atributos e competências da forma mais adequada possível e como o principal objectivo a atingir.

A este exercício pedagógico, à adaptação das metodologias utilizadas e à introdução de processos de avaliação muito diversificados já quase nos atrevemos, neste momento, a chamar esboço de modelo, o qual assentaria em dois pilares fundamentais:

- simulação empresarial
- interactividade

e em três princípios básicos de funcionamento:

- ✓ A avaliação por objectivos;
- ✓ O ensino acompanhado;
- ✓ A interdisciplinaridade.

2.3.1. OS PILARES DO MODELO

Para que o objectivo global possa ser atingido é necessário que se crie um ambiente onde os alunos desempenhem as funções e tarefas que irão desenvolver quando ingressarem no mundo do trabalho. Os pilares que consubstanciam o modelo e os traços vitais do seu funcionamento são a:

- Simulação empresarial, criando um mundo de negócios virtual que tenha as mesmas exigências legais, comerciais e administrativas do mercado real;

- Interactividade, num mercado que, sendo interactuante, faz com que o objectivo seja atingido de forma não estruturada.

A **Simulação empresarial**, é obtida através da criação de um mercado virtual, que se pretende próximo da realidade, e que cria uma maior ou menor interactividade consoante o número de empresas envolvidas.

O segundo pilar de suporte do modelo é a **interactividade** que se assume como característica inovadora aliada à simulação empresarial e que se apresenta altamente motivadora para alunos e docentes.

A interactividade ao tornar o processo não estruturado, provoca situações que não ocorrem de acordo com um guião pré-determinado, permitindo que os alunos negoceiem entre si, aproximando-os da realidade e conferindo alguma dose de competitividade, que adequadamente administrada e eticamente controlada, só contribui para a motivação de todos.

2.3.2. OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DE FUNCIONAMENTO

O funcionamento do modelo, por forma à persecução do objectivo global, leva à definição clara e objectiva de um conjunto de princípios básicos, indispensáveis à sua afirmação:

- A Avaliação por objectivos: onde são definidos um conjunto de objectivos a atingir que servem de base a todo o sistema de avaliação
- O Ensino acompanhado, onde são nomeados docentes que funcionam como tutores, competindo contudo ao aluno a direcção do seu próprio trabalho
- A Interdisciplinaridade, onde várias são as disciplinas e áreas do curso que são aplicadas de forma integrada, simulando a realidade da vida profissional

Apesar de simples na formulação, a tarefa de definição clara dos objectivos, é extremamente complexa. Num modelo desta natureza em que se pretende simular a realidade, devemos tentar aproximar os

objectivos das expectativas dos empregadores, quando colocam um diplomado a desempenhar determinada função.

Assim, atendendo ao objectivo global do modelo e todas as considerações anteriormente expressas, podemos apontar os seguintes objectivos a avaliar:

- Objectivo 1 - Aplicação integrada dos conhecimentos adquiridos nas restantes disciplinas do curso. Neste item, deve avaliar-se o conteúdo do trabalho efectuado pelos alunos atendendo a toda a interdisciplinaridade associada ao mesmo;
- Objectivo 2 - Elaboração de relatórios; permitindo avaliar a capacidade de expor, escrita e oralmente, de inovar, e de organizar.
- Objectivo 3 - Trabalho em equipa; pretendendo-se avaliar a capacidade dos alunos repartirem tarefas e encontrarem soluções comuns.
- Objectivo 4 - Trabalho sob pressão; avaliando-se a capacidade dos alunos conseguirem cumprir atempadamente e com qualidade, todas as tarefas a que estão obrigados; avaliando-se a capacidade que os alunos têm de, apesar da pressão de tempo, se adaptarem a novas situações, e de conseguirem ultrapassar os diferentes tipos de dificuldades que vão surgindo.
- Objectivo 5 - Vivência ética na profissão; pretende-se avaliar o comportamento dos alunos no mercado em termos de relações comerciais, mas também o seu adequado comportamento ético em termos contabilísticos e fiscais.
- Objectivo 6 - Capacidade de exposição oral; pretendendo-se avaliar a capacidade que os alunos têm de defender oralmente as soluções pelas quais optaram no desenrolar normal do projecto profissional.

Dada a diversidade dos objectivos de avaliação identificados, foi desenvolvido um processo complexo, em que o sistema de avaliação é misto, com diferentes componentes de carácter pontual e um vasto

conjunto de factores de carácter contínuo, tendo estes componentes da avaliação um peso importantíssimo no modelo.

Outro dos princípios de funcionamento do modelo relaciona-se com a **Metodologia de Ensino**, entendendo-se esta, não pelo ensino *tout cour*, mas pela capacidade evidenciada de apoiar a aprendizagem. No ensino tradicional de tipo magistral o professor tem o papel de transmitir um conjunto de conteúdos programáticos, que *à posteriori* os alunos em geral só estudam para responder adequadamente às questões colocadas no processo de avaliação.

No modelo de ensino em simulação interactiva os papeis invertem-se, pois à medida que o mercado se vai desenvolvendo as situações vão-se colocando aos alunos e são eles que procuram as informações que precisam em bibliografia adequada e em legislação diversa, ou recorrendo aos seus professores orientadores.

Finalmente, a **Interdisciplinaridade**, princípio que deveria estar subjacente a qualquer tipo de ensino, e que o exercício de uma qualquer profissão considera fundamental, pois o inter-relacionamento dos conhecimentos é vital para o seu exercício pleno.

Num percurso escolar tradicional, por muitos esforços que se façam, os alunos acabam em geral por ver, incorrectamente, cada uma das matérias leccionadas como um conhecimento delimitado e estanque.

2.3.3. A ADAPTABILIDADE DO MODELO

Temos consciência de que este modelo está ainda a dar os seus primeiros passos, podendo e devendo ser melhorado e consolidado.

Por enquanto, a experiência desenvolvida no ISCA de Aveiro concentra-se na sua utilização para matérias essencialmente ligadas às áreas de contabilidade, fiscalidade, gestão e direito comercial, no entanto parece relativamente simples alargar o âmbito de actuação para outros campos, nomeadamente a auditoria, gestão, a administração de empresas, a administração pública e autárquica, etc.

Igualmente nos parece simples utilizá-lo, com pequenas adaptações, a processos de formação complementar e extra-curricular de grande aplicação imediata na nossa área, tais como:

- ✓ em cursos de reciclagem e actualização para antigos diplomados;
- ✓ em processos inovadores de leccionação de novos tratamentos contabilísticos e fiscais em áreas específicas da contabilidade.
- ✓ em cursos de formação de curta duração (três a seis meses) de técnicos em contabilidade.

III. BREVE BALANÇO DE TRÊS ANOS DE EXPERIMENTAÇÃO

♦ salto no escuro (1997/1998)

Uma das lacunas detectadas aquando da vigência do antigo plano curricular, prendia-se com a falta de confiança evidenciada pelos nossos bacharéis quando, após terminarem o seu plano de estudos, enfrentavam o mercado do trabalho. Essa evidência, foi contemplada na nova estrutura curricular, com a integração de uma disciplina de Projecto Profissional, a ser leccionada em regime presencial no 2º Semestre do 3º ano, disciplina essa detentora de características próprias e objectivos ousados, e que visava primordialmente uma plena integração de conhecimentos dos estudantes em fim de ciclo de estudos.

A inserção dessa disciplina no plano curricular de estudos assentava em ideias ousadas nas intenções mas débeis na sistematização, por não terem sido suficientemente trabalhadas, por imponderáveis vários, no semestre que antecedeu o início do primeiro Projecto Profissional realizado no ano lectivo de 1997/1998.

Perante um cenário em que tudo era novo para professores e alunos, foi a análise fria dos problemas e a procura cuidada das soluções, substituída, por uma labuta diária e constante, de interacção diária professor/aluno, extremamente desgastante mas extraordinariamente motivadora. Se os professores que embarcaram nesta missão, se assumiram como zelosos defensores da ideia que encarnava o Projecto Profissional, tiveram os alunos um papel de extrema importância, pois a sua postura critica e actuante veio

permitir a ultrapassagem de alguns erros de juventude e a melhoria de um projecto que era de todos.

Foi um salto no escuro, que nos permitiu levantar exaustivamente os erros de um projecto lançado em tão curto espaço de tempo, mas uma escuridão que no fim do semestre, nos permitiu vislumbar o sol radioso que iria iluminar o futuro.

♦ **A grande aposta na interactividade (1998/1999)**

O trabalho entretanto desenvolvido, conduziu inicialmente a todo um processo de regulamentação, com a elaboração pormenorizada de normativos, seja o Regulamento Especifico de funcionamento do Projecto Profissional, onde eram estabelecidas regras de comportamento dos grupos, regras de comportamento no mercado, regras de avaliação, métodos e prazos de avaliação; bem como regulamentos de funcionamento parcelar das diversas centrais de apoio, nomeadamente as Centrais Pública, de Fornecimentos e Serviços e a Central Financeira. De uma realização que navegava à vista, passou-se para um projecto estruturado, regulamentado e ambicioso, onde as diversas situações e eventos já estavam previstos e planificados.

Procurou-se o não aparecimento de uma parafernália de actividades, que a irreverência e o sentido critico dos alunos proporciona, e onde até chegou a aparecer um pedido de constituição de uma agência funerária.

Constatado o facto, restringiu-se a liberdade de escolha do ramo de actividade económica, e desenvolveram-se esforços para a implementação de um mercado próprio, preparado previamente, e que tinha o sector da construção civil como núcleo central, à volta do qual gravitavam empresas de comércio e serviços dos mais diversos ramos.

Regulamentado o funcionamento, criado o mercado, e preparada toda a documentação impulsionadora do trabalho dos diversos grupos, foi preocupação seguinte a disponibilização dos meios logísticos e informáticos que permitissem a montagem de um projecto com este fôlego.

Novamente a experiência adquirida foi boa conselheira, e conhecedores dos problemas sentidos com o *software* disponibilizado no ano lectivo anterior, foi decidido encetar contactos com *software houses* da região, no sentido da escolha de programas que satisfizessem plenamente os utilizadores. Essa preocupação foi atingida, os programas instaladas em tempo oportuno, bem como foram contratados para monitorarem logística e operacionalmente os alunos envolvidos no projecto, quatro encarregados de trabalho, alunos do 1º ano do 2º ciclo de estudos, que foram peças fulcrais no normal desenvolvimento de todo o processo, nomeadamente no processo formativo prévio dos alunos no *software* adquirido.

Várias foram as inovações mas o traço marcante do Projecto profissional no ano lectivo de 1998/1999, para além do cariz marcadamente organizado que esta acção demonstrou, prendeu-se coma grande conquista que foi conseguida: a interactividade entre todos os grupos participantes.

Fruto dos equipamentos informáticos instalados e dos programas disponíveis, foi possível criar, fruto de uma preparação prévia de fichas de trabalho distribuídas a cada grupo, uma completa interactividade entre setenta e sete empresas que participavam no Projecto Profissional. Elas negociaram entre si de uma maneira simulada, mas que se assemelhava perfeitamente à realidade: compraram, venderam, pagaram, receberam, endividaram-se, assumiram compromissos, cumpriram prazos, discutiram, e o mais importante de tudo, embrenharam-se numa tarefa que os deixou cansados de prazer, por fazerem aquilo que, se inseridos no mundo profissional, lhes provocaria de certeza, canseiras, insónias e tremendas dores de cabeça.

♦ A aposta na avaliação e no *software* (1999/2000)

Foi decidido apostar seriamente num processo de avaliação continua, que se assumiu como a característica mais importante e traço marcante do Projecto Profissional 1999/2000.

Se em projectos anteriores o processo de avaliação compreendia quatro momentos distintos, um Pré-Projecto, um Relatório Intermédio,

um Relatório Final e uma Apresentação Oral, limitando-se a esses momentos a obrigação dos docentes de proceder à respectiva avaliação, a análise crítica realizada, detectou ser da maior importância para o incremento da qualidade da acção a implementação de um processo de avaliação continua, que pedagogicamente era manifestamente motivador para os docentes e extremamente benéfico para os alunos, se bem que extremamente desgastante para ambas as partes.

Os benefícios foram extremamente positivos, e de um processo de avaliação em quatro momentos, passou-se a um processo de avaliação constante, com a realização de auditorias programadas e surpresa, controles pontuais e avaliação em sala, que colocaram os alunos sobre pressão, não deram descanso aos professores, mas permitiram mais justiça no processo sempre controverso da avaliação.

Outro dos pontos fracos detectados, prendeu-se com alguma demora na resposta dada às necessidades dos grupos envolvidos, nas suas relações com a Central de Fornecimentos e Serviços e a Central Financeira. No anterior projecto as relações documentais Centrais/Grupos eram desenvolvidas de uma forma arcaica, não sendo a emissão da documentação um sinal de celeridade, pese a boa vontade dos professores envolvidos na gestão das citadas Centrais.

Assim, foi decidido pelos responsáveis envidar esforços junto de uma *software house* no sentido de desenvolverem programas informáticos que dessem resposta rápida às solicitações dos alunos. Foram então desenvolvidos dois programas, baptizados de Telebanking e Televendas, que integraram os meios informáticos disponibilizados. Genericamente, o Telebanking permitia que cada grupo tivesse no computador que lhe estava destinado uma Caixa Multibanco onde poderia efectuar todas as operações bancárias necessárias; e o Televendas, onde cada grupo fazia as suas compras à respectiva Central, emitindo imediatamente a respectiva factura.

Concluindo poder-se-á dizer em relação a todo este processo jovem de quatro anos, citando Fernando Pessoa, vulto incontornável da poesia portuguesa e patrono dos contabilistas:

“Deus quer, o homem sonha e a obra nasce”

IV. CONCLUSÃO

Com este trabalho procurámos contribuir para a divulgação de uma experiência que o I.S.C.A. de Aveiro iniciou há três anos, que tem merecido juízos favoráveis de vários sectores e que algumas outras escolas já manifestaram interesse em conhecer melhor.

Não somos especialistas em modelos de ensino e por isso limitámo-nos a descrever em palavras simples o que foi esta nossa vivência na fase crucial da implementação do PROJECTO PROFISSIONAL.

Com isso pretendemos apenas dar o nosso contributo para o debate, que nos parece urgente, em torno do eventual desfasamento entre o ensino superior e o mundo empresarial.

E se nos forem permitidas conclusões, mesmo nesta fase incipiente da nossa experiência, tiraríamos as seguintes:

- 1ª - É possível atingir um reforço substancial das competências profissionais e pessoais mesmo no contexto curricular de muitos cursos, indo de encontro às expectativas da sociedade civil;
- 2ª - Mas para isso é indispensável um grande esforço de inovação;
- 3ª - E talvez romper com algumas práticas pedagógicas.